

ESTRATÉGIAS PARA ACABAR COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR:

A experiência dos sindicatos da educação em África



PREÂMBULO

A Violência de Género no Âmbito Escolar (VGAE), nomeadamente, nas escolas, nos seus arredores e noutros contextos educacionais, consiste num problema de particular importância para os sindicatos do sector da educação e seus membros. Considerando que todos nas escolas, desde os professores, alunos e o pessoal de apoio, podem ser tanto perpetradores como vítimas, a Violência de Género no Âmbito Escolar consiste numa violação do direito à educação de qualidade e do direito à condições de trabalho decentes.

Observando as alarmantes estatísticas sobre a prevalência da violência e do assédio nas instituições de ensino, não restam dúvidas de que o momento para agir é *agora*.

Nos últimos cinco anos, a Internacional da Educação (IE) e as suas organizações membros demonstraram o seu compromisso em garantir o fim da VGAE através, dentre outras formas, da adopção de resoluções pelo seu Congresso Mundial (o mais alto órgão de decisão da IE) assim como integrando o assunto na agenda dos principais eventos, como na Conferência Mundial quadrienal de Mulheres da IE.

A Iniciativa das Nações Unidas para a Educação das Raparigas (UNGEI) desempenha um papel chave na construção de um compromisso colectivo para acabar com a VGAE em toda a comunidade educacional mundial. Tal compromisso manifesta-se através da criação de novas e duradouras parcerias entre sindicatos da educação e outros intervenientes que trabalham com a questão da VGAE a nível regional e nacional. Ademais, a UNGEI também apoia na mudança do entendimento global sobre o papel dos professores como parte da solução e não somente o problema.

Para a Gender at Work, esta iniciativa colectiva demonstra que os professores e os seus sindicatos podem transformar as normas institucionais informais, as políticas e as práticas que perpetuam a violência de género. Empoderar os professores de modo a apropriarem-se do processo e desenvolverem as suas próprias estratégias, é uma nova abordagem para enfrentar um problema global e que no passado se mostrou intratável.

Reconhecendo que as maiores e mais duradouras acções devem ser levadas à cabo nos lugares onde os professores podem agir como agentes de mudança, nomeadamente nos seus sindicatos, nas suas comunidades e suas salas de aula, foi criado o programa *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE*.

A IE, UNGEI e a G@W orgulham-se da liderança demonstrada pelos sindicatos participantes. Foi inspirador ver como os líderes, funcionários e afiliados dos sindicatos aproveitaram a oportunidade para fazer a diferença. As experiências compartilhadas neste documento incluem uma variedade de acções que os sindicatos da educação podem realizar, bem como as estratégias e políticas que eles podem adaptar e usar nos seus esforços para abordar a VGAE nos seus distintos contextos.

O compromisso demonstrado pela IE e suas organizações membros, pela UNGEI e pela Gender at Work é firme, de modo que continuaremos a agir até que se erradique a VGAE que actualmente priva as crianças do seu direito a uma educação de qualidade em todos os lugares. Apelamos a todos os leitores para que se juntem a nós neste esforço com vista ao combate da VGAE.

David Edwards

Secretário Geral
Internatcional da Educação

Nora Fyles

Directora
UNGEI

Sudarshana Kundu

Directora Interina
Gender at Work

Dezembro de 2019

Violência de Género no Âmbito Escolar: UM DESAFIO PARA O DUPLO MANDATO DOS SINDICATOS DA EDUCAÇÃO

Em todo o mundo, os professores e o pessoal de apoio do sector da educação formam sindicatos para alcançar dois objectivos nomeadamente, defender os seus interesses como trabalhadores e profissionais, e promover o direito universal à educação. A violência de género (VG) nas escolas e nos seus arredores ameaça ambos aspectos deste duplo mandato na medida em que, por um lado torna os locais de trabalho inseguros e discriminatórios para os trabalhadores contribuindo para o seu baixo desempenho. E, por outro lado, põe em causa a qualidade da educação privando os alunos do seu direito à educação. Em face deste cenário, os sindicatos da educação em todo o mundo sentem cada vez mais a necessidade de acabar com a VGAE em todas as suas formas, de modo a garantir uma educação de qualidade para todos e, para proteger a reputação profissional e as condições de trabalho dos seus membros.

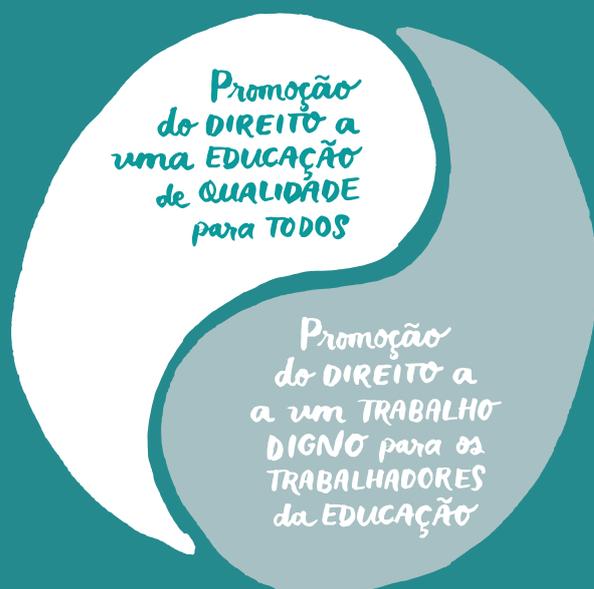
Os sindicatos da educação ocupam uma posição privilegiada para endereçarem este desafio. Criados por e para funcionários do sector da educação, os sindicatos representam milhares - se não centenas de milhares - de trabalhadores da educação e professores a todos os níveis, desde os centros de educação infantil e escolas primárias até às universidades. Em muitos países, eles gozam de direitos estatutários particulares para negociar políticas e acordos colectivos com o governo, de modo a melhorar as suas condições de trabalho e a qualidade da educação em todo o sector. Os sindicatos têm igualmente o poder de mobilizar um vasto número de professores e funcionários da educação para alcançar objectivos comuns, e de arrecadar os fundos necessários, advindos das quotas dos afiliados, para alcançar esses objectivos, particularmente por terem uma visão a longo prazo. Como a violência de género na educação é um fenómeno persistente e complexo, os sindicatos da educação afiliados à Internacional da Educação (IE) – a federação mundial de sindicatos e as associações de educação – comprometem-se a combatê-la de maneira duradoura e contínua.

Este documento baseia-se na experiência de nove organizações membros da IE em sete países africanos empenhados no combate à VGAE nos seus respectivos contextos. Ele apresenta um vasto leque de acções e estratégias que os sindicatos da educação podem implementar para endereçar os desafios que a VGAE coloca aos seus membros, estudantes, organizações e sociedades. Este

conjunto de experiências pretende informar e inspirar os sindicatos da educação e os seus membros, para que testem as suas próprias abordagens de modo a eliminar a VGAE. O documento também serve de base para outros intervenientes interessados no sector da educação, que queiram aprender mais sobre os pontos fortes, e sobre os papéis específicos que os sindicatos da educação podem desempenhar nos esforços colectivos para acabar com a VGAE.

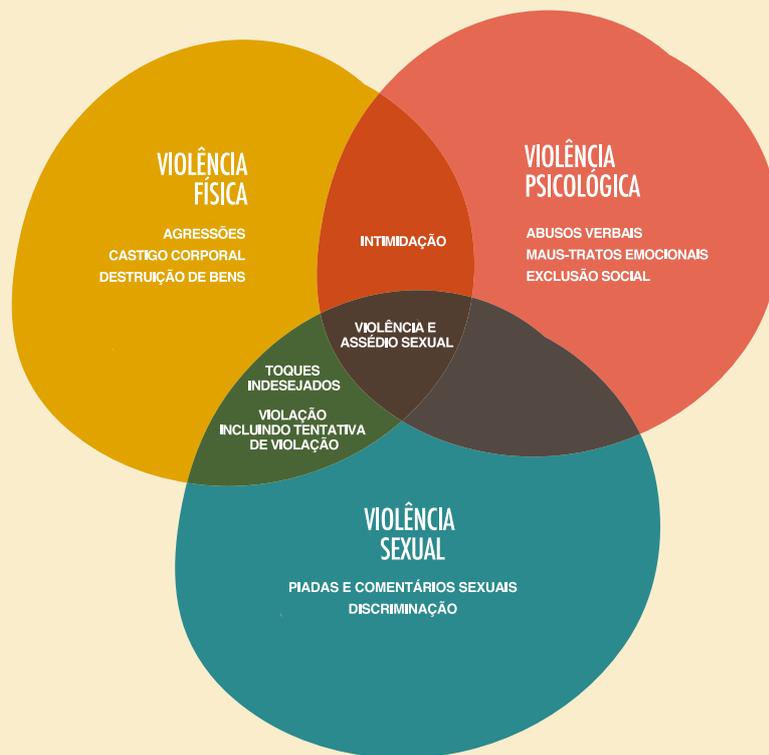
O documento está dividido em duas partes. A primeira secção centra-se nas acções que os sindicatos empreenderam internamente para adaptar as estruturas de tomada de decisão, actualizar as políticas e mobilizar recursos para capacitar os seus membros para agir. A segunda secção examina como os sindicatos da educação envolveram outros intervenientes interessados nomeadamente, legisladores, ministérios, organizações da sociedade civil, líderes tradicionais, pais, mídia e alunos, por forma a coordenarem estratégias de mudança.

Este documento descreve as acções que os sindicatos levaram à cabo na luta contra a VGAE, sem explorar os sentimentos que os sindicalistas e educadores tiveram ao agir. A VGAE não deixa ninguém indiferente, pois nos desafia profundamente como aprendizes, educadores, trabalhadores, profissionais, pais e cidadãos. Assim, as histórias contadas por professores, funcionários administrativos e activistas sindicais que enfrentam a VGAE, são tanto perturbadoras como encorajadoras. Além deste documento, os leitores poderão ler o documento *“Trabalhando para acabar com a violência de género no âmbito escolar: Escritos de Representantes dos Sindicatos da Educação da África Oriental, Ocidental e Austral”*, nos quais os professores e sindicalistas escrevem sobre as suas próprias experiências como agentes de mudança lutando contra a VGAE nas suas escolas, instituições, comunidades e famílias.



O que é Violência de Género no Âmbito Escolar?

Violência de Género no Âmbito Escolar refere-se às ameaças ou actos de violência sexual, física ou psicológica que ocorrem dentro e ao redor das escolas. A VGAE impede que milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo, especialmente as meninas, exerçam o seu direito à educação segura, inclusiva e de qualidade. Ela resulta de normas e estereótipos de género, e é reforçada por dinâmicas de poder desiguais entre homens e mulheres, e entre professores e alunos. Estudantes, educadores e funcionários administrativos da educação podem ser tanto vítimas como perpetradores da VGAE. E, muito embora homens e mulheres, meninos e meninas possam ser afectados, as meninas e mulheres são mais vulneráveis a este tipo de violência.



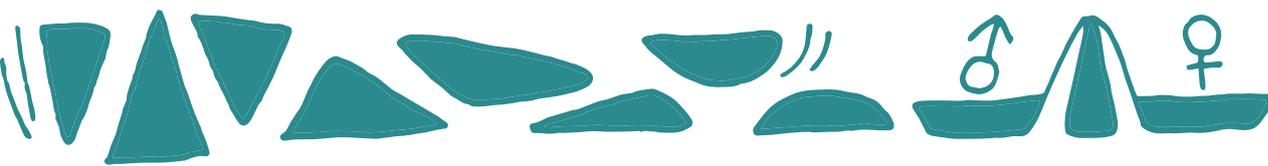
A VGAE inclui a violência física, o assédio moral, verbal ou sexual, o toque não consensual, a coerção sexual, a agressão e o estupro. Além disso, nos casos em que o castigo corporal ainda é usado para disciplinar nas escolas, muitas vezes este manifesta-se de forma discriminatória e de género. São igualmente considerados actos de VGAE, os que decorrem das práticas escolares quotidianas que reforçam os estereótipos, a desigualdade de género, e os que estimulam ambientes violentos ou inseguros.

Sindicatos adoptam medidas para acabar com a VGAE - Uma Parceria Inovadora

O programa *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE* foi lançado em janeiro de 2016, com o objectivo de colocar professores, funcionários e sindicatos da educação na liderança dos esforços para acabar com a VGAE. Com o apoio financeiro da Global Affairs Canada, este programa de quatro anos foi construído na base de uma parceria estratégica entre a UNGEI (Iniciativa das Nações Unidas para a Educação da Rapariga) e a Internacional da Educação (IE), a maior federação de sindicatos do mundo, representando 32 milhões de funcionários da educação em 400 organizações em 170 países e territórios. Com recurso à métodos de Acção e Aprendizagem em Género facilitados pela Gender at Work, o programa apoiou nove (9) sindicatos de educação em sete (7) países africanos que juntos representam mais de um milhão de professores. Estes testaram diferentes estratégias com vista à capacitar e mobilizar professores e funcionários da educação como agentes activos de mudança para abordar a VGAE nos seus respectivos contextos.

A Internacional da Educação Cria um Ambiente Organizacional Propício para Acabar com a VGAE

Representando a voz global dos funcionários da educação, a Internacional da Educação desempenha um papel fundamental na construção de um ímpeto em todo o movimento sindical da educação, para a tomada de medidas com vista a acabar com a VGAE. Em 2014, num encontro sobre a VGAE na Conferência Mundial da Mulher da IE, muitas organizações membros da IE demonstraram o seu compromisso em erradicar a VGAE. No ano seguinte (2015), o 7º Congresso Mundial da IE adoptou uma resolução sobre a VGAE que apelou a todas as organizações membros a tomarem medidas contra a VGAE nos seus respectivos contextos. Ainda no mesmo ano, o Plano de Acção global para a Igualdade de Género da IE fez uma referência explícita à VGAE, passo este fundamental para o reforço do quadro institucional e do ambiente organizacional favorável à IE e às suas organizações membros. No 8º Congresso Mundial da IE (2019), a NAPTOSA e o SADTU, dois sindicatos sul-africanos que participaram activamente no programa Sindicatos de Educação Intervêm para Acabar com o programa VGAE, apresentaram uma resolução apelando às afiliadas para acabarem com os castigos corporais, a qual foi aprovada por unanimidade.



1. SINDICATOS DA EDUCAÇÃO OLHAM PARA DENTRO DE SI

1.1 EMPODERANDO OS MEMBROS:

Sindicatos da Educação fortalecem as estruturas internas de tomada de decisão para acabar com a VGAE

A longa história das lutas sindicais em todo o mundo mostra que, quando as pessoas compreendem os seus direitos e juntam-se para defendê-los, elas têm o poder de provocar mudanças positivas. Os sindicatos da educação estão a usar uma abordagem similar para combater a VGAE que, muito embora afecte a todos, não o faz da mesma forma ou no mesmo grau. Assim, uma vez habilitados para agir, grupos e indivíduos subrepresentados, têm demonstrado consistentemente as suas capacidades de liderança para provocar mudanças, garantindo que os mais afectados pela VGAE possam reunir-se, contar as suas histórias e serem ouvidos. Isto, por sua vez, implica a mudança das estruturas formais de tomada de decisão para melhorar a representação e catalisar a acção.

As acções adoptadas pelos sindicatos para mudar as suas estruturas de tomada de decisão incluíram:

- Mandatar posições e estruturas específicas a vários níveis para combater a VGAE;
- Reforçar a participação das mulheres nos espaços de tomada de decisão para promover a igualdade de género;
- Criar oportunidades para os jovens sindicalistas organizarem-se e combaterem a VGAE;
- Reconhecer os membros que vivem com deficiências e albinismo, e os membros LGBTI;
- Responsabilizar as entidades competentes para que adoptem as medidas necessárias para eliminar a VGAE.

Os sindicatos mandatam posições e estruturas específicas

Os sindicatos formam equipas de mudança para testar abordagens para combater a VGAE a todos os níveis

Os sindicatos que participaram no programa *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE* formaram equipas de mudança de VGAE. Compostas por quatro a cinco pessoas em diferentes posições no sindicato, estas equipas têm um mandato claro de identificar, testar e aprender das estratégias para combater a VGAE. A composição das equipas de mudança variou muito de um sindicato para outro. Por exemplo:

- A equipa nacional de mudança do ZNUT integrou directores de diferentes serviços, o que garantiu-lhes acesso a uma ampla gama de recursos, programas e intervenientes em todo o sindicato.
- O KNUT adoptou uma abordagem “de baixo para cima”, nomeando quatro professores, sem cargos eleitos no sindicato, para formar a principal equipa de mudança para combater a VGAE a nível das bases. Esta equipa foi apoiada por uma segunda equipa de mudança na sede em Nairobi.
- Dois sindicatos (a ETA e o SLTU) nomearam os seus presidentes, e o GTU nomeou a secretária geral, como membros das suas respectivas equipas de mudança, demonstrando um alto nível de compromisso neste trabalho.
- A equipa de mudança da ETA também integrou um representante do Ministério da Educação, o que contribuiu para que o sindicato tivesse maior acesso à informação, influência e recursos para lidar com a VGAE.

- Adicionalmente, o KNUT e a ETA integraram instrutores das faculdades pedagógicas na equipa de mudança. Esta estratégia assegura que os novos professores estejam melhor preparados para lidar com a VGAE no início de suas carreiras.
- Todas as equipas de mudança dos sindicatos incluíram a Coordenadora de Género do respectivo sindicato que liderou a convocação e a coordenação do trabalho da equipa.

Muitos sindicatos vêem a estrutura da equipa de mudança e o seu mandato para testar diferentes abordagens para combater a VGAE como um mecanismo poderoso para identificar novas e criativas abordagens para endereçar questões complexas. Com base nesta experiência, a ETA e o ZNUT optaram por replicar a estrutura da equipa de mudança da VGAE em nove regiões da Etiópia e nas dez províncias da Zâmbia, respectivamente.

Os sindicatos formam “Grupos de Referência de VGAE” para apoiar as acções para combater a VGAE a todos os níveis

Alguns sindicatos também criaram “Grupos de Referência” com um número maior de membros comprometidos, provenientes de diferentes cargos do sindicato, para apoiar o trabalho da equipa de mudança. No ZNUT, os membros do Grupo de Referência de VGAE, nas suas respectivas áreas, supervisionaram as escolas piloto, facilitaram as conversas com professores, orientaram os membros jovens e ajudaram a criar equipas de mudança provinciais. Após a primeira reunião em Julho de 2016, o Grupo de Referência do BETUZ era composto por 30 membros tendo o número aumentado para 86 pessoas (50 mulheres, 36 homens) em 2019. Adicionalmente, o BETUZ utiliza um grupo WhatsApp para coordenar as acções, partilhar as experiências e procurar aconselhamento à medida que os incidentes de VGAE vão surgindo. Esta rede virtual provou ser um mecanismo eficiente para apoiar os membros do Grupo de Referência e para fortalecer as acções do sindicato em todo o país.

Os sindicatos mandatam as Coordenadoras de Género para liderar os esforços para acabar com a VGAE

Muitos sindicatos da educação definiram cargos para liderar os seus esforços em prol da igualdade de género e, cada vez mais, estes cargos têm o mandato de endereçar a VGAE nos sindicatos e nas salas de aula. Nalguns sindicatos, os cargos são eleitos e noutros, os cargos são desempenhados por funcionários assalariados da Secretaria Nacional, podendo ser realizados a tempo inteiro ou parcial. Importa referir que a liderança que as Coordenadoras de Género demonstraram no avanço do trabalho dos seus sindicatos para acabar com a VGAE nos últimos anos não pode ser sobrestimada. Particularmente considerando que resultou num maior envolvimento e apoio dos líderes masculinos e femininos para a igualdade de género de uma forma mais ampla em todo o sindicato.

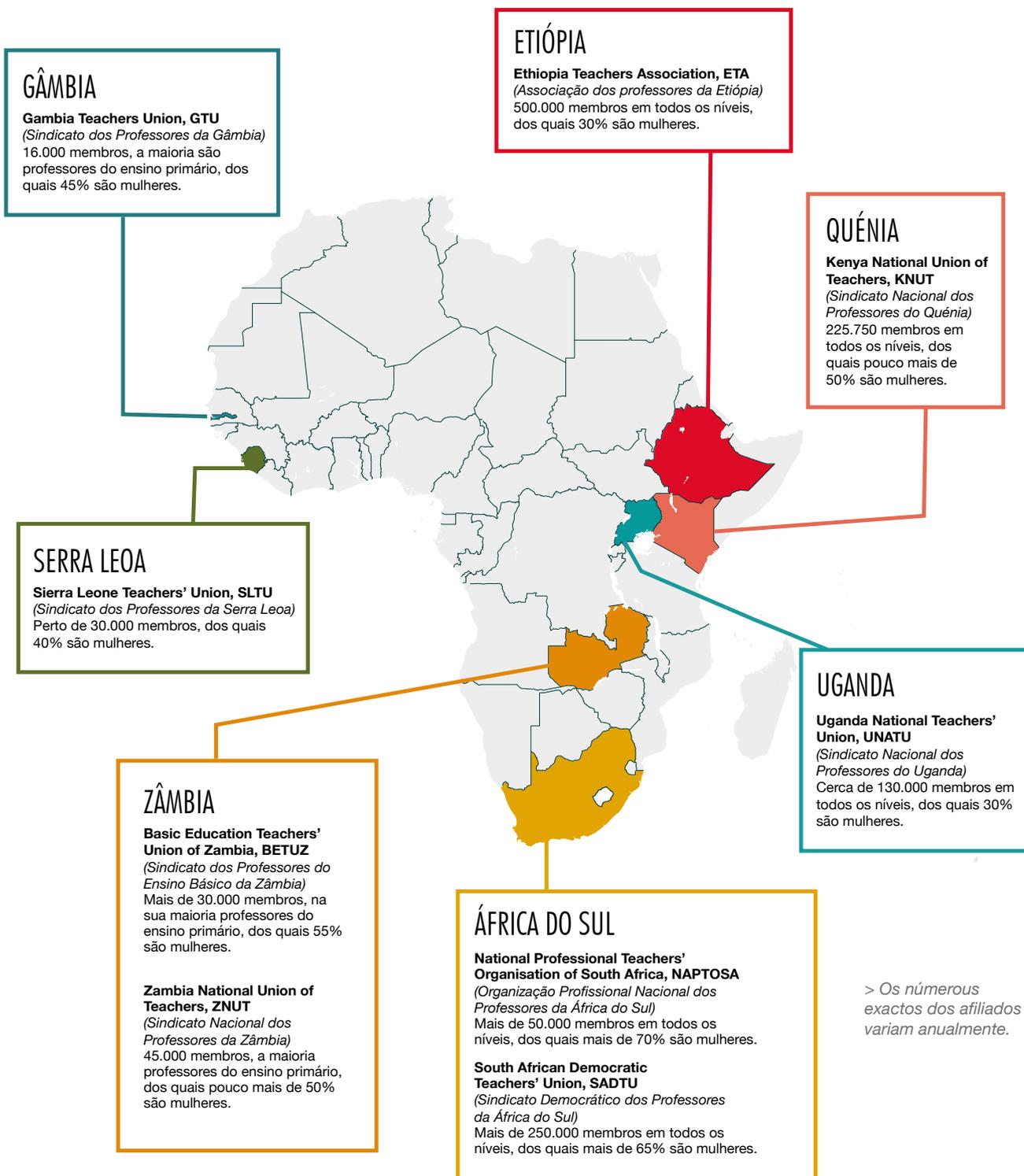
Os membros jovens intervêm para acabar com a VGAE

Neste processo, vários sindicatos perceberam a vantagem da mobilização de membros jovens na luta contra a VGAE. Alguns professores no início da sua carreira estão profundamente preocupados com o impacto que a VGAE tem na reputação e na prática da profissão escolhida. Outros constatam que, por serem jovens, para além de serem mais vulneráveis à VGAE comparativamente aos seus homólogos séniores, eles são mais eficazes na sensibilização dos seus pares e alunos sobre o impacto e a resposta à VGAE. O envolvimento na luta contra a VGAE ofereceu a alguns membros jovens do sindicato uma oportunidade para demonstrarem a sua capacidade de liderança nas salas de aula, escolas, comunidades e em ambientes sindicais. Nos últimos anos, vários sindicatos (BETUZ, UNATU e ZNUT) alteraram os seus Estatutos para estabelecer Comitês de membros jovens a nível nacional, provincial e sectorial, com responsabilidades especiais no combate à VGAE. Desta forma, a abertura de espaço para membros jovens pode ajudar o sindicato tanto a preparar uma nova geração de líderes como a avançar o seu trabalho sobre a VGAE.



Sindicatos que participaram no programa *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE* por país e número de membros inscritos.

Os nove sindicatos que participaram no programa de quarto anos representam alguns dos maiores, mais antigos e mais influentes sindicatos educativos de África.



É importante notar que nos últimos anos muitos outros sindicatos da educação em África e no mundo, adoptaram medidas para acabar com a VGAE. Este documento reflecte somente o trabalho feito pelos nove (9) sindicatos que participaram no programa *Sindicatos da Educação Intervêm para Acabar com a VGAE*.

As mulheres frequentemente lideram os esforços dos sindicatos para acabar com a VGAE

A VGAE não é um “problema das mulheres”, pois resulta em condições de trabalho inseguras e pode manchar a reputação profissional de todos os professores. No entanto, quando os sindicatos da educação agem para acabar com a VGAE, normalmente são as mulheres líderes que assumem a liderança e responsabilizam os tomadores de decisão para que levem o desafio a sério. Isto pode resultar do facto de ser mais provável que as mulheres tenham uma experiência pessoal de VGAE comparativamente aos seus homólogos masculinos, quer como alunas, quer como profissionais no local de trabalho. Ou, porque as vítimas de VGAE tendem a revelar às mulheres, muitas vezes a uma professora. Em contextos onde as normas culturais impedem as pessoas de discutir abertamente a VGAE, os homens podem não ter consciência das experiências e preocupações das suas colegas. A criação de espaços seguros onde as mulheres podem partilhar as suas experiências ou expressar as suas preocupações, contribui para que todos entendam melhor a gravidade e o impacto da VGAE.

Historicamente, as mulheres estão subrepresentadas nos órgãos eleitos pelos sindicatos, muito embora elas sejam a maioria dentro da profissão de docente. Por isso, muitos sindicatos adoptaram medidas específicas para aumentar o número de mulheres nos órgãos eleitos. Para além disso, muitos sindicatos criaram Comitês de Mulheres a nível nacional e muitas Constituições sindicais prevêem a representação das mulheres a nível provincial, distrital, sectorial e escolar (SLTU, ZNUT). Os estatutos dos sindicatos frequentemente garantem que os Comitês de Mulheres estejam representados em outros órgãos-chave de tomada de decisão, tais como o Conselho

Executivo e o Congresso ou a Conferência Nacional. Mais, muitos sindicatos adoptaram emendas constitucionais estabelecendo quotas para as mulheres em todos os órgãos eleitos. A quota em muitos sindicatos é de 30% (a ETA e o ZNUT) enquanto que, para outros, o objectivo é a paridade de género em todos os cargos (SADTU). Nalguns sindicatos ocorrem mudanças importantes como resultado destas quotas e objectivos. No ZNUT, por exemplo, actualmente mais mulheres candidatam-se aos cargos subrepresentados e mais homens advogam em apoio às candidatas, o que representa uma mudança significativa nas normas organizacionais, quando comparado com o passado. A título de exemplo, em 2019 as mulheres ocuparam 35% dos cargos eleitos no ZNUT comparativamente aos 10% dos cinco anos atrás.

A representação formal não garante automaticamente a participação plena, por isso, muitos sindicatos criaram outras oportunidades para que as mulheres melhorem as suas capacidades de liderança. Desde 2016 a NAPTOSA, através da sua Escola de Liderança e Governança (SOLAG), capacita mulheres e jovens líderes dentro do sindicato. Em 2016, a ETA criou um Fórum de Mulheres para permitir que as delegadas se reúnam antes da sua Conferência Nacional, de modo a partilharem as suas questões e desenvolverem estratégias conjuntas. No BETUZ, o Comité de Mulheres está representado no Comité de Resoluções para assegurar que todas as resoluções debatidas na Conferência Nacional Quadrienal reflectam as preocupações das mulheres. Do mesmo modo, a política de género do SADTU definiu acções para garantir que as mulheres sejam envolvidas na negociação colectiva e que os seus interesses integrados na agenda de negociações. Como a VGAE toca tão profundamente as sindicalistas, elas aproveitam estes espaços organizacionais para pressionar o sindicato a tomar medidas assertivas, demonstrando claramente a liderança individual e a influência colectiva.



Em 2017, o ZNUT modificou os seus Estatutos para estabelecer Comitês de membros Jovens compostos por oito a dez membros cada, sendo um ao nível nacional e um em cada uma das dez províncias. O Comité Nacional de Jovens é composto por cinco mulheres e cinco homens representando todas as regiões do país e tem um director que reporta ao Director de Género do ZNUT. Os membros do Comité assumem uma liderança activa no combate à VGAE nas suas áreas de acção.



Sindicatos criam espaço para membros vulneráveis

Sejam adultos ou crianças, as pessoas de género não-conformes e as que vivem com deficiências ou albinismo correm maior risco de assédio, exploração e violência. Este reconhecimento resultou na tomada de medidas específicas por parte de alguns sindicatos, para garantir que as vozes dos membros vulneráveis sejam ouvidas e reconhecidas dentro do sindicato. Por exemplo, o SADTU organizou uma série de eventos sobre inclusão em 2018, incluindo um seminário nacional de três dias. O seminário reuniu representantes dos professores que vivem com deficiências e albinismo e membros LGBTI em cada uma das nove províncias, seguido de eventos locais em quatro províncias. Cerca de 1.300 membros do sindicato utilizaram estes espaços para desafiar as normas sociais extremamente enraizadas que perpetuam a discriminação e a violência contra os grupos vulneráveis.

“[Nós, membros da NAPTOSA] aceitamos ser líderes nas nossas comunidades e reconhecemos que isso pode exigir o nosso pronunciamento ainda que os outros permaneçam em silêncio; que sejamos inovadores na resolução de problemas, quando os outros esperam por instruções; que obedecemos aos ditames de nossa própria consciência, ainda que seja inconveniente”. Carta do Profissionalismo da NAPTOSA.

Os órgãos são responsabilizados pelas suas acções para acabar com a VGAE

As estruturas do sindicato funcionam com elaborados mecanismos de prestação de contas. Assim, quando os órgãos relevantes adoptam políticas e posições mandatadas para implementá-las, os responsáveis são obrigados, periodicamente, a reportar o progresso em direcção às metas estabelecidas. A título de exemplo, o KNUt apresentou as acções levadas à cabo para combater a VGAE a 2.100 delegados das 110 filiais na Assembleia Anual dos Delegados em 2016, 2017 e 2018 respectivamente. Ainda na Assembleia Anual de 2018, tanto o relatório do Conselho Executivo Nacional como o discurso do Secretário-Geral aos delegados, destacaram as actividades do KNUt relacionadas à VGAE. Adicionalmente, desde 2019, os Comités Executivos das filiais do KNUt devem reportar mensalmente ao

Conselho Executivo Nacional as actividades de VGAE, incluindo a frequência das formações sobre a VGAE e o número de clubes de VGAE criados nas escolas das suas respectivas áreas de acção. Estes mecanismos de prestação de contas garantem que todas as estruturas sejam responsabilizadas pelo cumprimento do compromisso do sindicato de acabar com a VGAE.

1.2 APROPRIANDO-SE DO ASSUNTO: Sindicatos incorporam o seu compromisso de acabar com a VGAE no quadro de políticas

Sindicalistas demonstram a vontade política em criar um ambiente para aprendizagem e instituições educacionais livres de violência de género, incorporando os seus compromissos nos documentos constitutivos que os definem como organizações. Para eles, o processo de propor, rever e adoptar estes quadros políticos oferece uma oportunidade para envolver os membros no debate e mobilizá-los para o objectivo comum de acabar com a VGAE. A formalização do compromisso de trabalhar a VGAE em políticas aos vários níveis, confere legitimidade duradoura dentro da filiação sindical. As acções tomadas pelos sindicatos para mudar os seus quadros políticos incluem: :

- Adopção de resoluções formais sobre a VGAE;
- Consolidação do compromisso do sindicato de acabar com a VGAE na sua constituição;
- Actualização das políticas de igualdade de género para abarcar a VGAE,
- Adopção de outras políticas internas, tais como políticas de assédio sexual e ordens permanentes para que os sindicatos libertem-se da VGAE.

As estratégias apresentadas nesta secção são vinculativas para os afiliados em diferentes graus e oferecem exemplos convincentes do papel único que os sindicatos da educação podem desempenhar como instituições baseadas na afiliação.



Os órgãos de governação do sindicato adoptam resoluções formais sobre a VGAE

Após a adopção da Resolução da IE sobre a VGAE em Julho de 2015, vários sindicatos membros formalizaram o seu compromisso, adoptando as suas próprias resoluções a diferentes níveis. Por exemplo, o Conselho Executivo Nacional da NAPTOSA adoptou um “Quadro de VGAE” em Novembro de 2016, que previa um plano de acção para envolver as estruturas e os membros da NAPTOSA a nível nacional, provincial e das filiais. Em 2016, o Congresso Quinquenal do UNATU, o órgão supremo do sindicato, adoptou uma resolução que apelava o sindicato a capacitar os professores para desempenharem um papel fundamental na criação de ambientes escolares seguros para os alunos e para a denúncia de casos de VGAE. Desde então, o Comité de Mulheres do UNATU tem apresentado resoluções de seguimento à Assembleia Anual por forma a exortar o sindicato a agir contra a VGAE.

Os sindicatos integram o seu compromisso de acabar com a VGAE nos Estatutos

Alguns sindicatos optam por reforçar o seu compromisso ao mais alto nível, modificando os seus Estatutos para tornar explícita a intenção do mesmo de acabar com a VGAE. A Assembleia Geral da ETA de 2012 reviu os seus Estatutos Sociais e introduziu novas disposições que descrevem os seus esforços para acabar com a VGAE. No seu Congresso Nacional em setembro de 2017, o ZNUT incluiu a eliminação da VGAE como um objectivo dentro dos seus Estatutos. Estas emendas estatutárias afirmam o compromisso enraizado de cada sindicato na luta contra a VGAE como essência da sua razão de ser.

“O SADTU considera a inclusão dos seus membros e aprendizes vivendo com deficiência e albinismo, e membros LGBTI, como uma oportunidade para «restituir o carácter do SADTU como um sindicato de profissionais revolucionários, e agentes de mudança que abraçam a diversidade, inclusão e igualdade”
O SADTU Intervem para Acabar com a VGAE.

As políticas de género dos sindicatos endereçam a VGAE

Ao longo dos anos, muitos sindicatos da educação adoptaram políticas de género para promover a igualdade de género dentro do sindicato e através da educação. Em face da VGAE, alguns sindicatos actualizaram as suas políticas de género para responder a esta problemática. A título de exemplo, em Julho de 2017, o Comité Executivo Nacional do ZNUT aprovou alterações à *Política de Género do Sindicato* para acrescentar uma grande secção sobre VGAE, incluindo uma definição clara, suas consequências, os resultados esperados do seu combate e as estratégias para alcançar esses resultados. Em Agosto do mesmo ano, a SADTU actualizou a sua política de género para incluir “a erradicação da violência de género e outras formas de violência contra as mulheres, raparigas e rapazes” como um dos seus objectivos específicos e constatou que abordar a VGAE é a “chave para a realização da igualdade de género”.

“A associação tomará as medidas necessárias contra os seus membros sempre que forem considerados culpados de assédio sexual, e providenciará o apoio necessário para responsabilizar legalmente os culpados.” (p. 5). Política de Género da ETA

Outras políticas apoiam os esforços para acabar com a VGAE

Alguns sindicatos adoptaram políticas internas para proteger os seus membros e preservar a profissão de docente. A título de exemplo, a Carta de Profissionalismo da NAPTOSA estipula que “nós nos abstermos de relações impróprias ou inapropriadas com os aprendizes, sejam elas físicas, sexuais, políticas ou emocionais. Mais, em todas as nossas acções e palavras, dentro e fora das instituições educacionais, promoveremos através do exemplo, a integridade da nossa profissão, o respeito pela diversidade, a compaixão e o compromisso”. A Carta estipula ainda que anualmente, todos os participantes nas reuniões dos representantes do sindicato devem reafirmar a sua adesão à Carta da NAPTOSA.



“Nós queremos que os programas da VGAE permaneçam nos nossos livros por muito tempo. Devem fazer parte do ZNUT, mesmo quando já não estivermos lá. Tem de estar no nosso ADN.”
Membro da equipa de mudança do ZNUT - Abril de 2018

Em Outubro de 2017, o Congresso Geral Nacional do SADTU adoptou uma política de assédio sexual que estabelece procedimentos para a apresentação e investigação de queixas respeitando a confidencialidade, aplicável a todos os líderes, funcionários e membros do SADTU. Desta forma, o SADTU procura libertar não só as escolas mas também o próprio sindicato da violência de género.

Tal como os outros sindicatos, o BETUZ adopta Directrizes Permanentes estabelecendo procedimentos que definem as normas e os comportamentos que se espera que todos os membros respeitem nas suas reuniões principais. A título de exemplo, uma vez que o discurso discriminatório e os comportamentos inadequados podem surgir nas reuniões dentro de qualquer organização, as Directrizes Permanentes do Congresso Nacional Quadrienal do BETUZ (2018) proibiram o assédio sexual entre os membros durante o Congresso. Estas directrizes foram propostas pelo Comité Executivo Nacional e formalmente aprovadas por todos os delegados, oferecendo um poderoso mecanismo tanto para aumentar a conscientização como para responsabilizar os indivíduos.

“O assédio sexual ou outras formas de assédio não será tolerado. O assédio inclui a agressão verbal ou física contra outra pessoa devido à sua raça, religião, orientação sexual, género, nacionalidade ou deficiência. Também inclui os avanços sexuais incómodos e inapropriados”

Directrizes Permanentes, Congresso Nacional Quadrienal do BETUZ em 2018



1.3 DO DISCURSO À PRÁTICA: Sindicatos da Educação Mobilizam os Meios Necessários para Acabar com a VGAE

Os sindicatos da educação dependem quase inteiramente das cotas dos membros para financiar as suas operações. Assim, e com vista a transformar as suas intenções de combate à VGAE em acções duradouras, os sindicatos encontram formas criativas e sustentáveis para financiar as suas acções nomeadamente:

- A integração dos programas relacionados à VGAE em planos de trabalho e orçamentos anuais;
- A integração das actividades de sensibilização sobre a VGAE noutros programas em curso;
- A utilização de instrumentos regulares de comunicação interna para sensibilizar os membros;
- A recolha e análise dos dados dos membros relativamente à sua compreensão e experiência de VGAE.

Sindicatos integram trabalho sobre a VGAE nos planos de trabalho anuais

Os sindicatos com programas de igualdade de género de longa data têm alocado uma percentagem dos seus orçamentos operacionais anuais para a implementação da sua *Política de Género*. A título de exemplo, os sindicatos envolvidos no programa *Sindicatos intervêm para acabar com a VGAE* apresentam orçamentos anuais para a igualdade de género que variam entre 12.000 e 70.000 USD (ZNUT, KNUT e SADTU). O referido valor depende da sua dimensão e localização, e as equipas de mudança da VGAE podem recorrer aos mesmos para realizarem o seu trabalho. Alguns sindicatos pretendem definir uma rubrica distinta relacionada à VGAE nos seus orçamentos nacionais (SLTU), ou incentivar as estruturas sindicais a nível provincial e das filiais a recorrerem às cotas dos membros para dar prioridade às alocações relacionadas à VGAE nos planos anuais nas suas respectivas áreas de acção (SLTU e KNUT). Outros ainda, advogam para que os órgãos directivos nas escolas aloquem recursos para actividades relacionadas à VGAE com vista a garantir a sustentabilidade (SLTU a nível local). E mais, alguns sindicatos como o UNATU têm procurado o apoio dos seus parceiros de Cooperação para o Desenvolvimento, sindicatos da educação no Norte Global, enquanto que outros como a ETA têm obtido apoio de ONG locais ou do governo nacional.



EML Events Ethiopia

“Atualmente alguns professores carregam um ponteiro em vez de uma bengala; e as crianças disseram-me que voltaram à escola porque os professores estão carregando ponteiros em vez de bengalas.” Membro da Equipa de Mudança do SLTU

O SADTU contactou a Escola de Negócios Regenesys em Joanesburgo para personalizar um diploma do programa de pós-graduação em gestão pública para os seus membros, incluindo um módulo sobre a VGAE. Um total de 15 líderes do SADTU, incluindo nove promotores das questões de género provinciais, quatro representantes eleitos ao nível nacional, o presidente do Free State e o Secretário Adjunto da Western Cape participaram no programa em 2018. Ademais, uma componente de pesquisa para acção permitiu ao SADTU analisar e documentar as suas iniciativas dedicadas ao fim da violência de género, incluindo a gestão de casos específicos pelo sindicato. Reunir este grupo num programa de diploma permitiu ao sindicato produzir um documento e conceber uma estrutura para orientar os seus esforços relacionados com a VGAE no futuro.

A experiência da ETA demonstra o papel estratégico que as Faculdades Pedagógicas desempenham na construção da compreensão e capacidade dos professores para combater a VGAE. A título de exemplo, a Universidade Metropolitana de Kotebe, em Adis Abeba, anualmente forma cerca de 300 candidatos a professores em habilidades para a vida, autoconfiança, gestão da pressão dos colegas e resposta ao assédio sexual. Mais, antes da graduação, os mesmos participam numa sessão de formação de formadores de quatro dias. A formação é focada no desenvolvimento das capacidades dos mesmos para, de forma significativa, discutirem alternativas para eliminar a VGAE nas escolas com seus futuros colegas, estarem melhor equipados para aconselhar os alunos e responderem os incidentes de VGAE. Com base nesta experiência, em 2018, a ETA organizou uma sessão sobre a VGAE para os pontos focais de género em 32 faculdades pedagógicas de todo o país, financiada conjuntamente pela ETA e pelo Ministério.

EML Events Ethiopia



Os sindicatos sensibilizam os membros sobre a VGAE através de comunicações regulares

A comunicação regular com os membros é uma prática chave em todos os sindicatos da educação. Estes utilizam uma ampla gama de estratégias de comunicação interna para aumentar a compreensão e a capacidade de resposta dos afiliados aos incidentes de VGAE. A título de exemplo, o GTU organiza círculos de estudo que reúnem presidentes de cerca de 10 escolas para ler e discutir artigos de jornal sobre os casos de VGAE. Por sua vez, os presidentes reúnem os representantes das escolas em círculos de estudo e estes são responsáveis pela criação de clubes de VGAE com alunos nas suas respectivas escolas. Para além disso, os presidentes são igualmente treinados para lidar com pequenos delitos e reportar os casos mais graves ao Secretariado do GTU. Ainda no âmbito da comunicação, o GTU desenvolveu brochuras com o tema “Eliminando o Castigo Corporal” e “Eliminando o Abuso Sexual” e um folheto explicando como, onde e a quem os casos devem ser apresentados.

Outro exemplo é da NAPTOSA, que distribui os seus News Flashes regularmente aos 50.000 membros de modo a contribuir para o aumento da consciência sobre os incidentes de VGAE e a resposta aos mesmos. Desde 2018, a NAPTOSA aloca duas páginas para advogar contra a VGAE nos calendários que envia a todos os membros anualmente. Similarmente, “A Voz dos Professores” do UNATU, publicada anualmente e amplamente distribuída, inclui artigos relacionados à VGAE, à importância da educação das meninas e à adesão ao Código de Conduta dos Professores desde 2016.

Os sindicatos colectam e analisam dados sobre a incidência e as percepções da VGAE

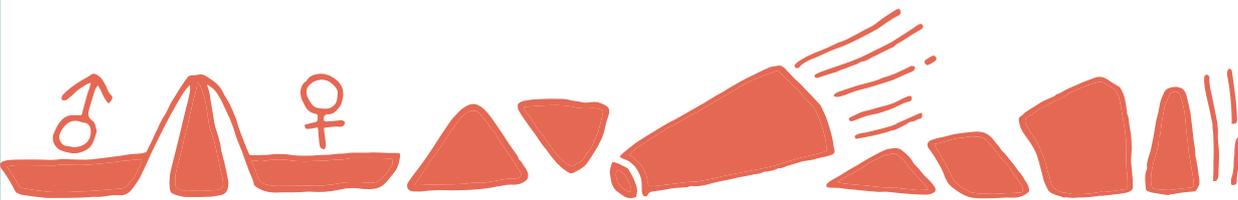
Os sindicatos da educação estão posicionados de forma única para compreenderem as percepções dos professores e a experiência da VGAE, e desenvolveram uma capacidade de investigação interna para orientar as suas estratégias. Alguns sindicatos recorreram à técnica de recolha de dados para reforçar as suas abordagens no combate à VGAE a vários níveis. A título de exemplo, os membros da equipa nacional de mudança do SADTU desenvolveram uma extensa pesquisa para

determinar os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos dos seus membros em relação à violência de género nas escolas. A pesquisa envolveu mais de 600 membros em 2017 e ajudou o sindicato a identificar abordagens para formar os líderes sindicais recém eleitos sobre estas questões.

Em 2014, a ETA reconheceu que a violência contra as meninas nas escolas secundárias era mal compreendida na Etiópia. O reconhecimento levou à implementação de uma pesquisa que envolveu cerca de 600 alunos e 130 professores de ambos os sexos, em cinco escolas seleccionadas aleatoriamente. A pesquisa apresentou resultados alarmantes que levaram à elaboração de recomendações para diferentes intervenientes, incluindo o Ministério Federal da Educação, o Ministério da Mulher e da Criança, os Gabinetes Regionais de Educação e os Gabinetes Zonais. A pesquisa contribuiu igualmente para o desenvolvimento de metodologias com vista a aprofundar a investigação sobre a incidência e prevenção de VGAE a nível escolar por parte da ETA. Assim, em 2016, foi desenvolvido e testado o Índice de Violência Escolar (IVE) com vista a garantir que as escolas secundárias etíopes pudessem avaliar as suas próprias práticas e vulnerabilidades à violência. O IVE fornece um guia de fácil utilização sobre como elaborar e facilitar uma auto-avaliação participativa sobre a violência envolvendo a administração da escola, membros da ETA, alunos e comunidades locais. Uma vez realizada a auto-avaliação, a escola pode identificar acções concretas para reduzir a violência e definir medidas mensuráveis que permitam à gestão escolar acompanhar o progresso ao longo do tempo. Na fase piloto, o IVE foi testado em 32 escolas e, desde 2016, a ETA utiliza os seus próprios recursos para apoiar três ou quatro escolas por ano no uso do Índice de Violência Escolar.







2. OS SINDICATOS DA EDUCAÇÃO ESTENDEM A MÃO

Muito embora os sindicatos da educação contribuam de forma significativa para a eliminação da VGAE, sensibilizando e mobilizando os seus membros, eles não conseguirão combater esta problemática sozinhos. Os sindicatos da educação intervêm a todos os níveis do sistema educativo. Nas salas de aula, os sindicalistas podem envolver os alunos para compreenderem e defenderem os seus direitos a um ambiente de aprendizagem seguro. Nas escolas, os sindicalistas podem promover uma “abordagem de toda a escola”, envolvendo a liderança da escola, as associações dos pais, a polícia local, os serviços sociais e os líderes tradicionais para melhorar a segurança nas escolas e ao seu redor. Os sindicatos também atraem a atenção da mídia local e nacional para aumentar a conscientização sobre a VGAE em larga escala. E, a nível nacional, eles influenciam as políticas e prioridades do governo para melhor abordar a VGAE. Em muitos países, os esforços para acabar com a VGAE criam novas parcerias entre os sindicatos e as múltiplas partes interessadas em todo o sector da educação e para além dele.

2.1 TRABALHANDO COM OS OUTROS: Os sindicatos colaboram com outras partes interessadas para definir políticas e práticas

Sindicatos colaboram com o governo

Na maioria dos países, o *Código de Conduta dos Professores* do Ministério da Educação estabelece em que consiste o comportamento apropriado dos docentes nas escolas e nas salas de aulas e as medidas disciplinares aplicáveis em caso de violação do *Código*. Nos últimos anos, os sindicatos da educação de vários países

(África do Sul, Etiópia, Zâmbia e Serra Leoa) trabalharam em estreita colaboração com os empregadores para rever os *Códigos de Conduta* nacionais de modo a abordar a VGAE de forma mais explícita, e para definir medidas preventivas e punitivas que garantam o devido processo aos membros acusados de incumprimento.

Na Etiópia, o Código de Conduta do Ministério Federal da Educação prevê a criação, em todas as escolas, de “Comissões de Investigação de Queixas e de Recomendação de Decisões sobre a Violência de Género” para a implementação do Código. Em cada escola, os representantes da ETA ocupam duas posições-chave na comissão que é composta por sete membros, nomeadamente, a de presidente da comissão e de presidente da Associação de Professores da escola. Nos casos em que a comissão não atinge uma decisão maioritária, cabe ao presidente da comissão tomar a decisão final. Estas disposições dão aos membros da ETA autoridade estatutária para investigar e determinar o resultado dos casos de VGAE, envolvendo tanto os alunos como os sindicalistas. A ETA oferece treinamento aos seus membros que fazem parte desses comités e, sendo uma política de âmbito nacional, a demissão devido à infracções relativas à VGAE, impede que o infractor volte a ocupar o cargo de professor na Etiópia.

Nalguns lugares, os sindicatos da educação negociam disposições em acordos colectivos para lidar com a VGAE. Por exemplo, como membro do Conselho das Relações Laborais da Educação (ELRC) da África do Sul, o SADTU participou na negociação de um acordo colectivo destinado a reduzir o número de vezes que os alunos envolvidos como vítimas ou como testemunhas de casos de má conduta sexual, são obrigados a testemunhar em audiências disciplinares e de disputa. O procedimento anterior obrigava as crianças testemunhas a deporem até três vezes, em diferentes fases do processo de resolução de disputas, expondo-as a traumas secundários. Como as vítimas muitas vezes recusavam-se a testemunhar repetidamente, os perpetradores frequentemente eram inocentados por falta de provas. Agora, a criança só deve testemunhar uma vez perante um árbitro especializado e o registo deste testemunho é aplicável às investigações subsequentes, sem exigir que a mesma volte a testemunhar. O acordo é aplicável a todos os contextos de ensino sindicalizados na África do Sul, independentemente da afiliação sindical. Este acordo colectivo demonstra o compromisso do SADTU tanto em salvaguardar os direitos das crianças como em garantir o devido processo para os seus membros acusados de má conduta sexual. Uma vez que a negociação dos acordos colectivos é uma actividade sindical essencial, os sindicatos podem trazer benefícios

concretos tanto para os seus membros como para os alunos, colocando a VGAE na sua agenda de negociação com os empregadores.

O BETUZ reconhece o papel central que os orientadores escolares desempenham na prevenção e na resposta à VGAE. Em 2017, o BETUZ compareceu perante a Comissão Parlamentar da Educação para discutir o elevado nível de gravidezes precoces entre os alunos na Zâmbia. Este argumentou que o Ministério da Educação devia estabelecer os Departamentos de Orientação e Aconselhamento em todas as escolas, incluindo nas escolas primárias, e o Ministério respondeu destacando orientadores a tempo parcial em todas as escolas. Uma vez destacados, o BETUZ trabalhou com o Ministério para assegurar que os orientadores compreendessem a questão da VGAE de forma mais ampla, tivessem materiais de ensino relevantes para ajudar a prevenir a VGAE e fossem treinados para atender os alunos vítimas da VGAE. Actualmente o BETUZ apela aos responsáveis políticos para assegurar o estabelecimento destes departamentos e que as posições de orientador sejam a tempo inteiro em todas as escolas.

Após a “Conferência sobre a Disciplina” na África do Sul em 2015, o Departamento de Educação Básica (DBE) criou um Comité Disciplinar no qual a NAPTOSA e outros sindicatos estavam representados, que elaborou um “Manual de Disciplina Escolar” para os professores. Em 2016, confrontados com a crescente violência perpetrada por gangues nas escolas e ao seu redor, os delegados provinciais de Western Cape apresentaram uma resolução no Congresso Nacional da NAPTOSA apelando para que “medidas imediatas e apropriadas fossem adoptadas por todas as partes interessadas”. Em 2017, a NAPTOSA publicou uma carta aberta convidando o Ministro da Educação a priorizar a segurança dos alunos e professores, sugerindo a criação de um Comité Nacional de Segurança Escolar (NCSS). Ainda no mesmo ano, a NAPTOSA fez uma apresentação na “Cimeira de Segurança Escolar”, co-organizada pelo DBE e pelo Conselho Sul Africano de Educadores (SACE) que resultou na sua indicação para o Comité Directivo e para o Grupo de Trabalho criados na respectiva Cimeira. De momento, o NCSS, DBE e o Departamento de Ensino Superior e Formação (DHET) estão a rever o currículo de formação de professores para formar jovens professores com competências para lidar com a VGAE na sua indução. Ainda sob o mandato do NCSS, a Polícia Sul Africana e o Departamento de Justiça criaram programas sobre a segurança dos Alunos/ Educadores baseados na comunidade. Em 2019, o NCSS desenvolveu um “Manual de Direitos, Responsabilidade e Segurança dos Professores” com a contribuição da NAPTOSA.





Sindicatos dialogam com múltiplos actores para abordar a VGAE

Em muitos países, os sindicatos da educação estão estrategicamente posicionados para colaborar com uma ampla gama de intervenientes interessados. Na Gâmbia, o GTU é um membro activo do *Consórcio de Promoção dos Direitos na Escola, da Campanha Educação para Todos e da Rede sobre Violência de Género*, além de presidir a *Aliança de Protecção à Criança*. Ao posicionar-se de forma visível contra os perpetradores da VGAE nas escolas, o GTU ganhou maior confiança, que resultou numa crescente colaboração com as organizações nesses consórcios e nessas redes, o que contribuiu para o aumento da denúncia de incidentes de VGAE. A nível escolar, o GTU também trabalha em rede com os Clubes das Mães que se dedicam às questões que afectam às meninas nas escolas assim como com as Associações de Pais e Professores para discutir a VGAE.

Desde 2016, o UNATU organiza reuniões de *Diálogo Social* nas regiões Norte, Leste, Sul e Sudoeste de Uganda em apoio ao Objectivo de Desenvolvimento Sustentável 4 que visa garantir acesso à educação de qualidade, inclusiva e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Todos, desde os membros do Parlamento, funcionários do Ministério da Educação e do Desporto, funcionários do Ministério da Função Pública, parceiros de desenvolvimento da educação (UNESCO), pais, líderes políticos, líderes religiosos, membros do comité de gestão escolar, membros do Conselho Directivo, professores e directores, participam nos *Diálogos Sociais* do sindicato. O UNATU também integrou questões relativas à VGAE nas reuniões de mobilização comunitária sobre a educação de qualidade e escolarização de meninas nas regiões Sul e Leste (2016-17) e Regiões Centro e Sudoeste (2018-19), onde participam conselheiras, deputadas, conselheiros locais, membros da Associação de Professores, professores e líderes locais. Estes diálogos e estas reuniões inspiraram alguns pais, nos distritos de Kapchorwa e Kween, a construir vestiários para meninas e a fornecerem materiais sanitários e outros materiais escolares para as meninas. Mais, devido às medidas tomadas pelos intervenientes no sector da educação e

à contínua sensibilização por parte do UNATU, através dos encontros comunitários e da rádio local, foi reportada a redução das gravidezes precoces e dos casamentos prematuros e, a consequente redução do abandono escolar por parte das raparigas na região Ocidental do Nilo.

O GTU usa abordagens participativas para apoiar as comunidades na busca de soluções locais para prevenir a VGAE. O Bantaba (tradicionalmente um lugar de encontro numa grande árvore) reúne os membros da aldeia, sentados em círculo, para discutir experiências e possíveis acções na sua própria língua. Alguns dos temas discutidos nos Bantabas incluem os castigos corporais, direitos das crianças, o casamento infantil e a mutilação genital feminina. Os Bantabas consistem igualmente num espaço central para a capacitação de mulheres e jovens assim como para a partilha das suas experiências de VG. No final de cada Bantaba, o GTU organiza conferências de imprensa para disseminar as questões levantadas e leva as questões emergentes em Bantabas para a planificação formal à nível regional e nacional. Deste modo, garante-se que as vozes informais, comunitárias e do contexto local influenciem a política e a estratégia formal do GTU a nível nacional.

Sindicatos colaboram entre si para abordar a VGAE

Uma vez que a VGAE preocupa todos os funcionários do sector da educação, os sindicatos reuniram-se, em diferente momentos, para coordenar os seus esforços e aumentar o seu impacto. A título de exemplo, o SADTU como membro da COSATU (Confederação dos Sindicatos da África do Sul) utiliza a sua posição para influenciar os debates nacionais sobre a igualdade de género e a violência de género. No seu Congresso Nacional de 2018, a COSATU adoptou as mensagens do SADTU para desenvolver cartazes sobre a VG e apelou aos delegados do Congresso Nacional para “*liderarem pelo exemplo*”, elegendo mulheres para cargos sindicais.



Este apelo contribuiu para que a COSATU atingisse, pela primeira vez, o seu objectivo de paridade de género de 50/50 nos órgãos de governação. Ainda em 2018, o SADTU desempenhou um papel activo na mobilização #TotalShutdown na África do Sul para acabar com a violência de género. Num país onde a violência de género é frequentemente entendida como violência doméstica, ou seja, algo que acontece em casa, o SADTU chamou a atenção para a VG nas escolas e ao seu redor através de campanhas nacionais.

Os três sindicatos membros da IE na Zâmbia - BETUZ, SESTUZ e ZNUT - colaboram nos seus esforços para acabar com a VGAE. Em 2019, eles coordenaram as suas iniciativas no âmbito da Coligação Nacional de Educação da Zâmbia para providenciar formação em liderança para estudantes universitários particularmente direccionado às mulheres jovens, incluindo questões relacionadas à VGAE.



2.2 QUEBRANDO O SILÊNCIO:

Sindicatos colaboram com os meios de comunicação social para sensibilizar o público sobre a VGAE

A cobertura da mídia local, nacional e por vezes internacional tem chamado a atenção para os casos de alto perfil da VGAE em muitos países. Contudo, muitas vezes as reportagens ignoram o importante papel que os sindicatos de educação desempenham na resposta à VGAE ou os retratam de uma forma negativa. Em muitos países, os sindicatos da educação aliam-se aos meios de comunicação social para aumentar a consciência pública sobre a VGAE e, no processo, são reconhecidos como importantes fontes de conhecimento e influência no que se refere à resposta aos casos de VGAE.

Desde 2015, o BETUZ sensibiliza o público sobre as questões de VGAE através de um programa de rádio ao vivo, nas manhãs de domingo, na Corporação Nacional de Radiodifusão da Zâmbia (ZNBC), bem como numa estação de rádio local na província central. Essas transmissões chegam aos professores, alunos e à comunidade em geral, cobrindo tópicos que incluem o *Código de Ética Profissional do Ensino* da Zâmbia e outros assuntos relativos às obrigações profissionais dos professores. As discussões na rádio sobre a VGAE atraem respostas positivas de um grande número de professores, membros da comunidade e outros intervenientes, e melhoram o perfil do BETUZ como uma organização empenhada em acabar com a VGAE. Ademais, fontes da mídia tais como o jornal *Zambian Daily Mail*, actualmente recorrem ao BETUZ para obter informações seguras e opiniões informadas ao reportar incidentes de VGAE. Desta forma, o BETUZ conseguiu destacar-se no que se refere à VGAE quando os meios de comunicação social chamam a atenção para os incidentes nas escolas, particularmente quando envolvem professores.

A rádio continua a ser um importante meio de comunicação na Serra Leoa, como ficou demonstrado durante a crise do Ébola, quando as aulas foram transmitidas pela rádio aos alunos impossibilitados de frequentar a escola. Através de debates em painéis de rádio e TV, o SLTU atinge com sucesso uma vasta audiência ao garantir tempo de antena num programa nocturno popular onde os seus membros falam

sobre a VGAE. O boletim informativo do SLTU “*The Teacher*” chega às 9.000 escolas em cada período escolar e inclui uma coluna regular de notícias sobre a VGAE. O boletim também oferece uma plataforma para as organizações parceiras como a Conferência de Directores das Escolas Secundárias, o Conselho de Directores, o Conselho de Directores e Instituições Técnicas fornecerem artigos relacionados à VGAE.

O trabalho do SLTU estende-se à comunidade tendo este envolvido comunicadores locais e tradicionais na campanha para abordar a VGAE. Trabalhando com os pregoeiros, músicos e cantores famosos que transmitem as mensagens nas suas canções, o sindicato iniciou discussões com sucesso sobre o casamento precoce e a gravidez na adolescência.

Na Gâmbia, o GTU tem a capacidade de sensibilizar o público sobre formas de reduzir a VGAE através da sua participação nos Fóruns de Educação da TV e rádio promovidos pelo Ministério da Educação da Gâmbia. Com os programas rádio ao vivo, o GTU partilha a sua experiência sobre as suas abordagens para endereçar a VGAE e responde às perguntas e percepções equivocadas sobre a VGAE vindas não só do público, mas também dos seus próprios membros nas áreas rurais.

2.3 EMPODERAMENTO DOS ALUNOS: Membros do Sindicato apoiam os alunos a compreenderem os seus direitos e a expressarem as suas preocupações

Os professores e os funcionários administrativos estão equipados de forma única para empoderar os alunos de modo a prevenirem e responderem a VGAE. Quando os alunos compreendem os seus direitos, aprendem a identificar a VGAE, e sabem com quem falar nos casos em que presenciam ou sofrem abusos, eles tornam-se agentes activos para acabar com a VGAE. Os sindicatos envolvidos no programa *Sindicatos de Educação Intervêm para Acabar com a VGAE* usam uma ampla variedade de abordagens para criar espaço para que os alunos compreendam e exeçam os seus direitos.



Vários sindicatos (KNUT, BETUZ, SLTU e UNATU), encorajam os professores e administradores escolares a criarem clubes escolares de VGAE, ou a utilizarem os clubes existentes para discutirem a VGAE. Por exemplo, no SLTU, os alunos dos clubes escolares criam peças de teatro para sensibilizar os outros alunos sobre a VGAE. Através da produção dessas peças, os próprios estudantes actores são conscientizados e tornam-se agentes de mudança no ambiente escolar. Os clubes escolares encorajam as alunas a serem mais expressivas, os alunos a serem mais conscientes sobre a VGAE, e consistem num espaço seguro para proteger as crianças que relatam incidentes de VGAE. Isto é particularmente relevante porque as crianças mostram-se mais eficazes na sensibilização feita pelos seus pares, já que muitas vezes elas aprendem melhor umas com as outras. Quando trabalham com os clubes escolares, os membros do SLTU vão além do seu papel de professores e tornam-se embaixadores de escolas livres de VGAE. Estes exemplos demonstram como, uma vez sensibilizados, os sindicalistas são capazes de colaborar com os alunos na criação de salas de aula e escolas livres de VGAE.

“Os alunos que não se sentem à vontade para expressarem-se na sala de aula podem expressar-se no clube escolar porque falam entre eles livremente e nas suas línguas locais.” BETUZ Membro da Equipa de Mundaça

Em 2019, como parte da sua campanha para acabar com o trabalho infantil e os casamentos prematuros, o UNATU desenvolveu e distribuiu 120 pontos de sinalização no complexo escolar de 12 escolas no Distrito de Zombo. Algumas das mensagens abordaram directamente a VGAE, incluindo “Pare a violência contra a criança”, “A escola é um espaço seguro” e “Denuncie toda a violência contra a criança”. No Quénia, os membros do KNUT colocaram posters “NÃO À VGAE” em todas as portas das salas de aulas. Mais, eles colocam artigos de jornal relatando histórias de VGAE nas paredes das salas de aulas e facilitam conversas com os alunos. As caixas de sugestões também criam um espaço para que as vítimas ou testemunhas de abuso verbal, emocional ou físico falem de forma anónima.



GARANTIR A ACÇÃO - O MOMENTO DE AGIR É AGORA

Os sindicatos da educação analisados neste documento testaram uma diversidade de estratégias e abordagens adaptadas aos seus respectivos contextos na busca de um objectivo comum que é o de acabar com a violência de género no âmbito escolar. Em poucos anos, estes sindicatos criaram as bases, por si próprios e em colaboração com outros, para uma acção sustentada por forma a enfrentar este desafio no futuro. Cada vez mais intervenientes concordam que a VGAE é uma ameaça para o alcance de uma educação inclusiva e de qualidade para todos. Sem dúvida, os sindicatos da educação contribuem para um crescente senso de urgência dentro dos seus respectivos contextos e em todo o mundo, no entanto, muito mais precisa ser feito na luta contra a VGAE.





EQUIPA EDITORIAL

REDACÇÃO: Rex Fyles

TRADUÇÃO: Unaiti Costa

DESENHO E LAYOUT: Nzilani Simu

REVISÃO: Emily Wilson, Rex Fyles
e Aayushi Aggarwal

